

FMI espera queda da taxa de juros no Brasil em 98

Instituição recomenda monitoramento cauteloso e baseado nas expectativas do mercado

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON — O governo brasileiro poderá reduzir a taxa de juros de maneira significativa em 1998 à medida que o efeito combinado do ajuste fiscal e do aperto monetário, em resposta à crise financeira dos mercados asiáticos, reduzir o déficit em conta corrente e, portanto, a necessidade de financiamento externo. Mas as autoridades terão de pilotar a queda dos juros com cautela, não ceder à tentação de afrouxar depressa demais e fazê-lo com base num exame cuidadoso do ânimo do mercado. A avaliação é do economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), o americano Michael Mussa. Em suas grandes linhas, ela coincide com as análises feitas pela própria equipe econômica. Mas Mussa enfatizou que "é importante não tentar forçar o ritmo do ajustamento (da política monetária) para além da disposição do mercado de reconhecer as realizações (do ajuste fiscal)".

O funcionário do FMI falou sobre o Brasil na apresentação de uma versão revisada do mais recente relatório anual da organização sobre as perspectivas da economia mundial, divulgado em outubro, antes da crise na Ásia. Essa é apenas a segunda vez que o Fundo é forçado a rever suas previsões fora do ciclo semestral em que são publicadas. De acordo com o estudo, se não se agravar, a crise asiática terá um impacto modesto sobre o crescimento mundial este ano, mas reduzirá o PIB global em 0,8% em 1998, em relação à expansão esperada de 4,1% em 1997.

As economias em desenvolvimento sofrerão o maior impacto. Seu PIB crescerá menos 1% do que os 5,9% registrados este ano. Isso se compara a uma retração de apenas 0,5% no PIB das nações industrializadas. A dramática desaceleração no Brasil — onde o PIB deve expandir-se apenas 1,5% no ano que vem, segundo o FMI — contribuirá para a queda acentuada no crescimento na América Latina, de 5,2% este ano para 3,5%. Os tigres asiáticos diretamente afetados pela crise experimentarão uma dura contração de suas economias. O PIB da Tailândia não crescerá em 1998. Indonésia, Malásia e Filipinas terão de contentar-se com 2%, 2,5% e 3,8%, respectivamente. A economia da Coreia do Sul, que cresceu 6,5% este ano, terá expansão de apenas 2,5% em 1998. O próprio Mussa acha a estimativa "otimista".

O forte pacote de medidas fiscais que Brasília adotou no mês passado aliviou o fardo da política monetária

anunciada no fim de outubro e permitiu a redução da taxa de juros para a casa dos 30% porque "demonstrou ao mercado a determinação necessária para diminuir a magnitude das necessidades de financiamento associadas ao déficit de conta corrente", afirmou Mussa. O impacto do ajuste fiscal, que já começou a produzir resultados, "será desacelerar o crescimento da demanda interna na economia brasileira de uma forma hábil (...) e alguns dos números sobre produção industrial e emprego já estão mostrando o efeito desses desdobramentos".

"Creio que, à medida que virmos mais desse efeito (de desaceleração do crescimento) e mais indicações da melhora na posição da conta corrente, os mercados ficarão crescentemente confiantes em que a economia do Brasil e suas políticas econômicas serão capazes de administrar com sucesso a atual situação", acrescentou o economista. "Mas o que é muito importante é não tentar conduzir (a redução de juros) muito rapidamente, pois pode-se minar o elemento essencial de confiança do mercado".

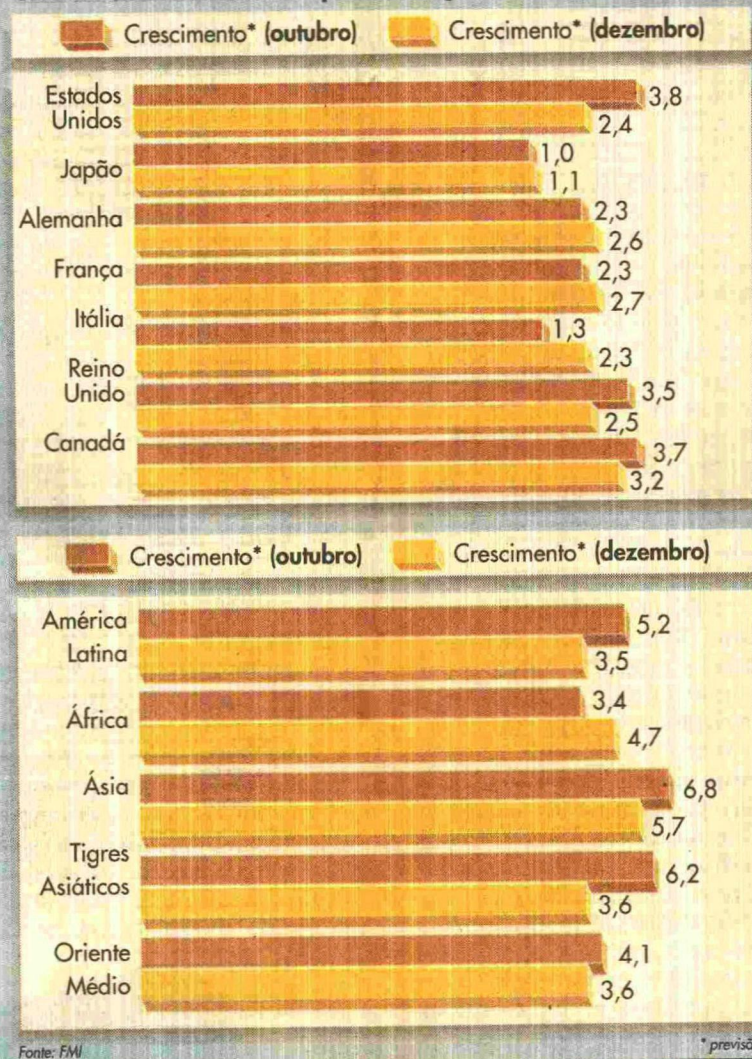
O relatório do FMI torna claro que a margem para erro na administração da política monetária brasileira é extremamente reduzida na análise que faz sobre a economia dos Estados Unidos. De acordo com o estudo, a redução da demanda na Ásia por produtos made in USA conterà o crescimento do PIB americano nos 2,4% em 1998, depois de uma robusta expansão de 3,5% este ano. Segundo Mussa, essa projeção tem como premissa uma elevação de 0,4% da taxa de juros no decorrer do ano que vem. Isso, obviamente, estreitará o espaço para um afrouxamento da política monetária no Brasil e em outras economias emergentes com grandes déficits externos.

O relatório do FMI considera a atual taxa de crescimento do PIB americano insustentável e recomenda uma elevação dos juros se não houver uma desaceleração. "Não fosse pela fragilidade da Ásia e seu esperado impacto sobre a economia dos EUA, o Federal Reserve (banco central) teria apertado (a política monetária) em novembro e dezembro, por causa do ritmo insustentável de crescimento no último ano e meio", afirmou Mussa. "Isso teria sido razoável e prudente". O principal economista do FMI indicou que considera insuficientes as medidas de estímulo econômico anunciadas na semana passada pelo Japão. O relatório projeta uma expansão de apenas 1,1% do PIB japonês em 1998, que se compara com 1% este ano. De acordo com o FMI, a continuação da volatilidade nos mercados da Ásia alimentará a incerteza sobre os fluxos de capitais privados. Na busca desses fundos, as economias emergentes enfrentarão forte competição dos EUA e da União Européia.

AJUSTE FISCAL REDUZ DEPENDÊNCIA EXTERNA

PROJEÇÃO PESSIMISTA

Cálculos de crescimento de países e regiões feito pelo FMI - em %



Fonte: FMI

* previsão